

A PSICOLOGIA E A ARTE DE ENSINAR¹

William James

Tradução de Mariana Tavares Ferreira

Universidade Federal Fluminense (UFF) – Brasil

simply_mari@yahoo.com

Nota da Tradução

Nos cem anos de morte de William James, gostaria de lembrar não do fim, mas da continuidade da **experiência** de seu pensamento, com contribuições que levarão, no mínimo, mais cem anos para começarem a ser devidamente apreendidas por nós. E que continuarão a ser estudadas pelos séculos adentro, tanto por sua originalidade e ousadia como pela beleza na forma de apresentá-las. Por isso, minha homenagem é essa tradução, na esperança de que outros esforços a ela se somem, no sentido de tornar sua obra mais acessível aos leitores de língua portuguesa.

O texto **A Psicologia e a Arte de Ensinar** faz parte de uma série de palestras dadas a professores de Cambridge no ano de 1892 (dois anos após a publicação do famoso **Principles of Psychology**) e depois repetidas em outros lugares nos EUA. Assim, antes de tomarem a forma escrita, James apresentou e debateu suas idéias com diversos públicos diferentes de professores, o que o teria levado a observar que aquelas que mais interessavam não eram relativas às “técnicalidades” da Psicologia, mas aquelas que se aproximavam do cotidiano da prática de ensino. O que mais despertava a atenção não eram ensinamentos sobre uma mente abstrata, mas sobre mentes incorporadas, para utilizar uma expressão do cientista cognitivo Francisco Varela, nas relações professor aluno.

A escolha deste texto para tradução se deu inicialmente por motivos pessoais, pois tenho lecionado Psicologia da Educação há alguns anos. Um dos motivos para tê-lo traduzido é achar que ele vem ao encontro de um dos principais, senão o principal, anseio que tenho encontrado nos estudantes desta disciplina, futuros professores ou já no exercício da profissão. Trata-se de uma alta expectativa que, como já identificava James, pode se transformar numa grande frustração: a de que a Psicologia os instrumentalize com um saber que os torne aptos a relacionarem-se com os alunos em suas salas de aula, de um modo bastante prático, na forma de uma ciência aplicada.

Veremos no texto como James, partindo dessa suposição, do lugar dos alunos, inicia suas reflexões. Temos então uma **lecture**, mas uma **lecture** altamente empática e mesmo dialógica, como sugere o título dado ao volume que as reúne – **Talks to Teachers**. Poderíamos traduzir **Talks to Teachers** como Discursos aos Professores, porém, preferiria a opção, mais dentro do espírito jameseano, **Conversas com Professores**. Algo então que vem somar-se às dificuldades da tradução seria que se trata de um texto escrito, mas com um tom bastante acentuado de oralidade.

Cabe ainda justificar a escolha do presente texto para a publicação na revista **COGNITIO-ESTUDOS**, dado que seu escopo aparentemente fugiria ao campo da Filosofia. Para isso vou recorrer a um argumento de outro dos grandes pioneiros do pragmatismo, John

¹ Primeiro capítulo do livro *Talks to Teachers* (1899). Original em inglês disponível no site: <http://www.emory.edu/EDUCATION/mfp/james.html>.

Dewey, para quem a Educação seria, por excelência, o solo para a filosofia pragmática lançar suas raízes. Pois que área melhor para que as idéias sejam testadas, não por um critério representacional da verdade, mas por um debate democrático baseado numa experimentação e aperfeiçoamento contínuos?

Além disso, a Psicologia estava apenas começando, no momento em que o texto é escrito, a se constituir como ciência distinta, separada da Filosofia, com a criação de cadeiras e departamentos. Formado em Medicina, William James foi um dos primeiros professores a lecionar Psicologia como uma disciplina científica, nos EUA, tendo posteriormente se dedicado cada vez mais à Filosofia, decepcionado com os rumos que a Psicologia foi tomando. No entanto, se lemos o **Principles of Psychology**, ficamos surpresos com a profundidade e extensão do debate com a tradição filosófica ocidental levada a cabo pelo psicólogo, em temas clássicos da Filosofia como a natureza do **self**, a questão das relações entre corpo e mente, a natureza do pensamento e etc. Na verdade, alguns autores defendem que sua Psicologia sempre teria sido uma Psicologia Filosófica, não havendo uma real ruptura entre escritos psicológicos e filosóficos². Assim, um pensamento heterodoxo, pouco afeito às restrições disciplinares, faz parte do modo de ser de nosso autor, mas não a falta de rigor. Rigor da Arte, pois, antes de ser psicólogo ou filósofo, ele era artista, não só pelas qualidades literárias de seus escritos, mas porque também desenhava e pintava.

O texto é um belo exemplo de como o pensamento, em seu exercício, ultrapassa as fronteiras das disciplinas e de como sintonizá-lo ao nível de seus leitores ou ouvintes aprendizes não precisa ser sinônimo de empobrecimento ou simplificação. Pelo contrário, pode ser o momento de formular determinadas questões que não teríamos a coragem ou a ousadia de fazer, questões que nós, psicólogos ou educadores, poderíamos afastar sutilmente de nosso pensamento colocando-as no escaninho do filósofo. É esse, a meu ver, o convite de James: filosofar, pensando pragmaticamente as relações entre o **saber-fazer** e o **saber-sobre**, ou entre Arte e Ciência. Trata-se de uma crítica, infelizmente ainda muito pertinente, à “tecnificação” e à “psicologização” que já colonizavam a Educação (e a vida) desde aquela época.

A PSICOLOGIA E A ARTE DE ENSINAR³

WILLIAM JAMES

Qualquer um que tenha olhos para ver pode notar em nós americanos, na atividade geral e no aumento do interesse ideal, que talvez não haja característica mais premente de promessas do que a efervescência que de uns anos pra cá tem se dado entre aqueles que se dedicam ao ensino. Qualquer que seja a esfera da educação em que se concentrem suas funções é notável entre eles uma quantidade inspiradora de busca verdadeira por todas as questões mais elevadas relacionadas à sua profissão. A renovação das nações começa sempre pelo topo, entre seus pensadores, e lentamente se espalha por outras direções. Os professores

² Escrevi a respeito desse tema em minha dissertação de mestrado: *As Margens da Consciência: um estudo sobre o tema do self em William James e no Budismo* (IMS/UERJ, 2004), cujas ideias se encontram mais ou menos resumidas no *paper publicado* na revista eletrônica COGNITIO-ESTUDOS v.3, n. 1, jan/jun de 2006.

³ Primeiro capítulo do livro *Talks to Teachers* (1899). Original em inglês disponível no site: <http://www.emory.edu/EDUCATION/mfp/james.html>.

deste país, deve-se dizer, têm o futuro em suas mãos. O afinco que mostram no presente em sua luta por iluminar e fortalecer a si mesmos é um indício da probabilidade que a nação tem de progredir em todos os sentidos. A organização da educação que temos nos Estados Unidos, de dentro para fora, é talvez, como um todo, melhor do que a de outros países.

O sistema escolar do Estado oferece uma diversidade e uma flexibilidade, uma oportunidade de experimentação e um desejo de competição que não se encontra em nenhuma outra parte em tão grande escala. A independência de tantas faculdades e universidades; as trocas entre alunos e professores; seu estímulo mútuo e a excelente relação orgânica entre as escolas de ensino fundamental e médio; as tradições de ensino existentes, fruto de uma evolução do antigo método norte-americano de recitação (e assim evitando-se por um lado o sistema de lições pura e simplesmente, que prevalece na Alemanha e na Escócia, o qual tem muito pouca consideração pelo indivíduo que estuda, e por outro não envolvendo o sacrifício do professor em detrimento do aluno individual, no qual se pode cair tão facilmente com o sistema tutorial inglês) – todas essas coisas (para não falar na co-educação dos sexos em cujos benefícios muitos de nós acreditamos de todo o coração), todas essas coisas, como eu ia dizendo, são as mais felizes características de nossa vida escolar e delas podemos deduzir os mais favoráveis augúrios.

Contando com uma organização tão favorável, tudo o que precisamos é impregná-la de genialidade, com homens e mulheres excelentes trabalhando cada vez mais nela e por ela e numa geração ou duas a América pode muito bem estar liderando a educação no mundo. Devo dizer que dirijo meu olhar com grande confiança ao dia em que isto será um fato realizado.

Ninguém se beneficiou mais desta efervescência nos círculos pedagógicos, de que falei anteriormente, do que nós, psicólogos. O desejo, por parte dos professores nas escolas, de um treinamento profissional mais completo, e sua aspiração em direção a um espírito “profissional” em seu trabalho, os tem levado mais e mais a se voltarem para nós em busca de esclarecimento sobre os princípios fundamentais. E nessas poucas horas que iremos passar juntos vocês esperam de mim, tenho certeza, obter noções sobre as operações mentais que os capacite a trabalhar mais fácil e efetivamente nas várias salas de aula em que exercem sua atividade.

Longe de mim negar a pertinência de se depositar na psicologia tais esperanças. A Psicologia deve certamente dar ao professor um auxílio radical. E ainda assim, eu confesso que, intuindo o tamanho de algumas de suas expectativas, sinto um pouco de ansiedade e receio de que ao fim destas minhas simples palestras, não poucos de vocês sintam-se um pouco decepcionados com a simplicidade dos resultados. Em outras palavras, não tenho certeza de que vocês não estejam “viajando” em fantasias meio exageradas. Isso não é de se espantar, porque nós tivemos algo como um *boom* da psicologia neste país. Laboratórios e novas cadeiras foram fundados e revistas estabelecidas. Rumores no ar. Os editores de jornais educacionais e formadores de opiniões precisaram dar ares de estarem à altura da novidade do dia. Alguns professores e também editores não hesitaram e também o fizeram. A “nova psicologia” tornou-se assim uma palavra capaz de evocar idéias portentosas; e vocês, professores, dóceis e receptivos e cheios de aspirações como muitos são, foram envolvidos por nossa ciência, em meio a uma atmosfera de conversa vaga que em grande medida foi mais mistificadora do que esclarecedora. Ao todo, é como se uma fatalidade de mistificação tivesse recaído sobre os professores em nossos dias. A substância de sua profissão, sólida o suficiente em si mesma, dissolveu-se em espumas, nos jornais e institutos, até que seus contornos corressem o risco de se perder numa espécie de vasta incerteza. Onde os discípulos não são independentes e com espírito crítico suficiente (e eu acho que se vocês professores das séries mais básicas têm algum defeito – a mais leve sombra de um defeito – é o de serem

demasiadamente dóceis) se corre o risco de perder a precisão, o equilíbrio e a medida sobre os que têm autoridade para ditar a lei desde cima.

De minha parte, farei todo o possível para dissipar toda a mistificação a respeito da Psicologia e por isso digo logo a vocês que na minha modesta opinião não existe uma “nova Psicologia” digna deste nome: não há mais Psicologia que a antiga, a que começou no tempo de Locke, com mais uma pequena parte de fisiologia do cérebro e dos órgãos dos sentidos, a teoria da evolução e uns poucos refinamentos na técnica introspectiva, e em sua maior parte sem adaptação para o uso dos professores. São apenas as concepções fundamentais da psicologia que têm um real valor para o professor; e eles, afora a referida teoria da evolução, estão muito longe de serem novas. Acho que vocês irão entender melhor o que quero dizer com isso no fim destas palestras.

Digo mais uma vez que vocês cometem um erro, um grandessíssimo erro, se pensam que a psicologia, sendo a ciência das leis da mente, é algo a partir do qual vocês podem deduzir programas definidos e esquemas e métodos de instrução para uso imediato na sala de aula. A psicologia é uma ciência e ensinar é uma arte; e jamais as ciências engendram as artes diretamente. É preciso uma mente inventiva intermediária para, através de sua originalidade, aplicá-la.

A ciência da lógica nunca foi capaz de fazer um homem raciocinar de forma correta, nem a ciência da ética (se é que existe tal coisa) o fez conduzir-se corretamente. O máximo que tais ciências podem fazer é ajudar a nos controlar e nos corrigir se raciocinamos ou nos comportamos de forma errada; e a nos criticar mais articuladamente depois que cometemos erros. A ciência apenas traça as linhas dentro das quais devem conter-se as regras da arte, leis que os seguidores da arte não devem transgredir; mas que coisas particulares eles devem realmente fazer dentro daquelas linhas é algo que cabe exclusivamente a seu gênio. Um gênio fará bem seu trabalho e será bem sucedido de determinada forma, enquanto outro se sai melhor de forma bastante diferente; ainda assim nenhum dos dois terá ido além das linhas.

A arte de ensinar desenvolveu-se nas salas de aula, nascidas da inventividade e da observação simpática e concreta. Apenas onde (como no caso de Herbart) o praticante da arte é também um psicólogo, a pedagogia e a psicologia andam lado a lado, mas a primeira não é em nenhum sentido derivada da última. As duas eram congruentes, nenhuma subordinada a outra. E assim em todo lugar o ensino deve se *combinar* à psicologia, mas não necessariamente haveria uma única forma de ensinar que se harmonizasse com a psicologia; pois os mais diversos métodos podem igualmente ter o respaldo das leis psicológicas.

Saber psicologia, portanto, não é absolutamente nenhuma garantia de que devemos ser bons professores. Para obter esse resultado precisamos possuir outras qualidades, tato e habilidade para saber que coisas exatamente dizer e fazer quando o aluno se encontra a nossa frente. Este talento para ir ao encontro do aluno, naquela situação concreta, apesar de serem o alfa e o ômega da arte do professor, é algo no qual a psicologia pouco pode ajudar.

A ciência da psicologia, e qualquer outra em que a pedagogia geral se baseie, é, na verdade, muito parecida com a ciência da guerra. Nada é mais simples ou definido do que os princípios de ambas. Na guerra, tudo o que você deve fazer é encerrar seu inimigo numa posição em que os próprios obstáculos naturais o impeçam de fugir se ele tentar; então atacá-lo com um contingente maior que o seu, num momento em que você deixou-o pensando que estava bem longe; e então, com um mínimo de exposição de suas próprias tropas, poderá matar um bom número de inimigos e fazer prisioneiros aos demais.

O mesmo ocorre com a arte de ensinar: você deve simplesmente fazer seu aluno cair num tal estado de interesse no que você vai ensinar que qualquer outro objeto de atenção seja

banido de sua mente; então revelar o assunto de uma forma tão impressionante que ele seja capaz de lembrar-se daquilo pelo resto de sua vida; e, finalmente, provocar uma devoradora curiosidade em saber quais os próximos passos na matéria. Em sendo os princípios tão simples, não haveria nada além de vitórias para os mestres da ciência, seja no campo de batalha ou na sala de aula, se ambos não tivessem que aplicá-los a uma quantidade incalculável como a mente de seus inimigos. A mente de seu inimigo, o aluno, trabalha para além de seu domínio, com tanta sutileza e esperteza como a mente do comandante oponente. Exatamente o que os respectivos inimigos querem e pensam, e o que eles sabem e não sabem, são coisas tão difíceis para o general quanto para o professor descobrirem. Neste caso, deve-se buscar ajuda na adivinhação e na percepção, e não na psicologia pedagógica ou na estratégia teórica.

Mas, se o uso de princípios psicológicos for então mais negativo do que positivo, nem por isso deixaria de ser útil. Em primeiro lugar, por delimitar o campo das experiências e tentativas. Sabemos de antemão, se somos psicólogos, que certos métodos estão errados, então nossa psicologia nos salva dos erros. Clareia as coisas. Ficamos mais confiantes a respeito de um método se sabemos que ele tem um respaldo teórico além do prático. Sobretudo, ver sob dois ângulos diferentes nosso objeto, ganhar uma visão estereoscópica, por assim dizer, do organismo jovem que é nosso inimigo, e, enquanto lidamos com ele com todo nosso tato e perspicácia, ser capaz, ao mesmo tempo, de representar para nós mesmos os curiosos elementos interiores de sua máquina mental, torna frutífera nossa independência e reanima nosso interesse. Um conhecimento do aluno tão completo quanto esse, a um só tempo intuitivo e analítico, é certamente o conhecimento que todo o professor deve adquirir.

Felizmente para vocês, professores, os elementos da máquina mental podem ser facilmente apreendidos, e seus funcionamentos facilmente compreendidos. E, como os elementos e modos de funcionamento mais gerais são justamente as partes da psicologia que os professores acham mais diretamente úteis, segue-se que a quantidade desta ciência necessária aos professores não precisa ser muito grande. Aqueles que gostam do assunto devem ir tão longe quanto desejarem, e não irão se tornar nem um pouco piores professores por causa disso, ainda que se corra o risco de uma pequena perda do equilíbrio, devido à tendência que todos temos de exagerar em alguma parte especial de um tema que estejamos estudando intensamente e de um modo abstrato. Mas para a grande maioria de vocês uma visão geral é o suficiente, desde que verdadeira; e tal visão geral, deve-se dizer, pode quase ser escrita na palma da mão.

Evitem especialmente a crença de que como professores tenham o dever de contribuir com a ciência da psicologia, e fazer observações psicológicas de um modo responsável e metódico. Temo que alguns dos entusiastas no campo dos estudos sobre a criança os tenham doutrinado nesse sentido. De qualquer forma deixemos os estudos sobre a criança prosseguirem, deve refrescar nossa sensibilidade sobre a vida da criança. Há professores que sentem um prazer espontâneo em preencher registros, anotando observações e compilando estatísticas. Os estudos sobre a criança irão certamente enriquecer sua vida. E se os resultados, tratados estatisticamente, não parecerem significantes no conjunto, ainda assim as anedotas e observações nos quais se baseiam nos darão um conhecimento sensível mais íntimo a respeito de nossos alunos. Nossos olhos e ouvidos tornar-se-ão mais aptos a discernir na criança diante de nós processos similares àqueles sobre os quais lemos a respeito de outras crianças, processos que de outra sorte poderiam nos ter passado despercebidos. Mas, pelo amor de Deus, deixem o exército de professores ler ao sabor de seus interesses, se eles assim preferirem, e se sentir livre para não contribuir com esta acumulação. Que isto não seja imposto de forma imperativa, como uma obrigação ou imposição, como uma regra para aqueles que acham tudo isso uma tremenda chatice, ou que de qualquer forma não tem em si

uma vocação apropriada para a coisa. Concordo plenamente com meu colega, Professor Münsterberg, quando diz que a atitude do professor com relação ao aluno, sendo concreta e ética, é positivamente oposta à do observador psicólogo, a qual é abstrata e analítica. Embora alguns de nós possamos reunir as duas atitudes de forma bem sucedida, na maioria de nós essas atitudes são conflitantes.

A pior coisa que pode acontecer a um bom professor é formar uma má opinião sobre sua profissão porque não tem esperanças em se tornar psicólogo. Nossos professores já têm trabalho demais. Qualquer um que adicione apenas um tiquinho a mais a essa enorme carga é um inimigo da educação. Um julgamento negativo sobre si aumenta o peso de qualquer outro fardo. Ainda assim, sei que o estudo sobre a criança, bem como outras partes da psicologia, produziu essa má consciência nos corações de muitos pedagogos inocentes. Ficaria de fato feliz se com estas simples palavras minhas pudesse ajudar a dissipar essa opinião negativa, caso algum de vocês a tenha; pois este é certamente um daqueles frutos da mistificação mais ou menos sistemática da qual eu já reclamei. O melhor professor pode ser o pior colaborador com material para os estudos sobre a criança, e o melhor colaborador o pior professor. Nenhum fato é mais evidente que isso.

Com isso creio ter dito o suficiente sobre a atitude do professor com respeito ao tema que irá ocupar nossa atenção.